

# JESUS E A FÍSICA QUÂNTICA

## JESUS AND THE QUANTUM PHYSICS

*Isidoro Mazzarolo*<sup>1</sup>

### RESUMO

Uma Religião sem a Espiritualidade é uma ideologia. O artigo propõe uma reflexão sobre os caminhos e sobre os descaminhos das religiões e os perigos que envolvem as mesmas quando se apresentam sem a raiz comum e integradora que é a espiritualidade. Mostramos como podem ser feitas as distinções entre Religião e Espiritualidade e os desvios aos quais as religiões podem estar sujeitas quando fundamentadas em ritos e significados que as distinguem uma da outra e que, por isso, em lugar de manifestar a beleza da diversidade, podem justificar ideologias de dominação, segregação e discórdias. Na teoria da rede da Física Quântica estão as metáforas do corpo e da árvore nos ensinamentos de Jesus e na autopoiesis está o perdão como pedagogia da reinclusão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Religião; Espiritualidade; Ciência; Física Quântica; Pedagogia de Jesus.

### ABSTRACT

A Religion without Spirituality is more an ideology. This article proposes a reflection regarding to the Religions path ways and their embezzlements as well as the hazards that envelop them – the Religions – when they present themselves without their common – unusual – and constituent root, so to say, spirituality. We try showing out the way how there can be made the distinctions between Religion and Spirituality and the deviations which religions can be subjected to, as they are founded upon rituals and meanings that distinguish one from the other agreement and, for this reason, instead of manifesting the beauty regarding to the diversity, they can try justifying domination ideologies, segregation and discords. In the Quantum Physics Network

---

<sup>1</sup> PhD em Ciências Bíblicas. Professor de exegese bíblica na PUC-Rio e no Instituto Franciscano de Petrópolis/RJ. E-mail: mazzarolo.isidoro@gmail.com; www.mazzarolo.pro.br

theory there are the metaphors concerning the body and in the found out in Jesus' teachings and in the "autopoiesis" we can find out the pardon forgiveness – as reinclusion pedagogy.

**KEYWORDS:** Religion; Spirituality; Knowledge Science Quantum Physics, Jesus' Pedagogy.

## **Introdução**

O ser humano é um ser religioso. Cada cultura, cada povo e cada época é marcada por ritos, símbolos, fórmulas e espaços. A religiosidade caracterizou culturas, civilizações, épocas e povos. A antropologia, a sociologia, a política e a religião sempre tiveram relações bastante estreitas nos povos antigos.

A humanidade se caracterizou nas suas expressões de sagrado de modos pluriformes e com significados específicos quer na sua compreensão diante da vida, quer nas suas concepções de vida futura (escatologia, paraíso e salvação). Essas manifestações do sagrado sempre estiveram ligadas a povos, culturas e crenças de modo próprio aos quais se convencionou chamar de religiões.

As religiões, não raro, ao longo da história, protagonizaram episódios contrários às suas finalidades primordiais de ligar a terra ao céu e o céu a todos os seres humanos. Dessa forma, propomos uma reflexão sobre a relação entre religião e espiritualidade a fim de despertar no leitor um maior senso crítico em torno da problemática.

Tomando, como ponto de partida o cristianismo com Jesus de Nazaré, observamos como Ele propõe um novo paradigma para o sentido fundamental da religião. Nascendo num contexto do monoteísmo judaico, Jesus age como quem tinha um olhar muito mais distante do que os compatriotas de seu tempo. A Sua práxis religiosa buscava, através da pedagogia da inclusão, não apenas resgatar pobres e excluídos, mas incluir todos os homens e mulheres de boa vontade. Sua religião estava alicerçada na união

do Espírito (Cl 4,18-19) e agia conforme a inspiração do Espírito e a vontade do Pai.

Dentro do universo judaico, especialmente, do pós-exílio, criou-se uma distinção entre os puros e os impuros, em outras palavras, dos que seriam eleitos e privilegiados por Deus e os que estavam destinados à condenação. Jesus, no entanto, mostra, na prática, que os conceitos originários e fundamentais do cristianismo se alicerçavam na certeza de que Deus não faz acepção de pessoas, culturas, raças, estratos sociais ou de gênero (Dt 10,17; Gl 2,6; 3,28; Rm 10,12).

Se até os tempos de Jesus havia prevalecido a Lei, depois dele deveriam prevalecer a graça e a verdade (Jo 1,16). Em Cristo, Deus se tornou aliança e resgate para todas as culturas e povos, tornado todas as gerações herdeiras das promessas feitas a Abraão (Gl 3,29).

### **1. As vias da salvação**

A salvação não acontece por pré-destinação, por promessas ou por tradição, mas pela construção da justiça e da verdade (Mt 5,20). Na visão do autor do Apocalipse, os eleitos na presença do Cristo ressuscitado, diante do trono de Deus se compõem em dois grupos:

a. Os cento e quarenta e quatro mil (144.000) dentre as tribos de Israel, marcados na frente como servos de Deus (doze mil de cada tribo). O Autor deixa de fora a tribo de Efraim por ser ela a primeira a iniciar o processo de ruptura da confederação das tribos e insere tribo de José. No entanto, para o autor do Apocalipse, a salvação é includente e não excludente (Mazzarolo, 2010, 105).

b. Uma multidão que ninguém podia contar proveniente de todas as nações, tribos, povos e línguas. Todos eles trajavam vestes brancas, símbolo da transparência da alma e da justiça, mas que

tinham passado pela tribulação e alvejado suas vestes no sangue do Cordeiro (Ap 7,1-17). Ficarão de fora da salvação os cães, os magos, os impudicos, os idólatras, os homicidas e todos os que amam e praticam a mentira (Ap 22,15).

O primeiro grande passo do cristianismo primitivo é considerar qualquer pessoa criatura de Deus e, uma vez vinculados ao mesmo Deus, caracteriza-se como seu filho e herdeiro das promessas e com o compromisso de construir a fraternidade universal (Ef 4,6). Jesus reconciliou os circuncisos e os incircuncisos, derrubando as “paredes” da separação e unindo a todos num só povo, pois, por seu intermédio, unificou judeus e gentios num só Espírito e ao redor de um só Pai (Ef 2,11-18).

O segundo passo evolutivo do cristianismo foi a adoção do conceito de cidadania cósmica. Os gregos, não obstante tivessem diferenciações de classes sociais, tinham um conceito claro de que a pessoa culta e letrada era cidadã e livre, independente da sua cultura, raça ou idioma. A liberdade provinha da cultura daí a importância da “gnôsis” (conhecimento), “arête” (virtude) e a “paideia” (aprendizagem). Nos conceitos éticos, os gregos tinham alguns princípios universais de convivência e relacionamento que os diferenciavam de outras culturas. Particularmente dentro dos conceitos estoicos, o conceito de homem ético ou bom era aquele perfeito na sua moralidade. Dentro desse conceito de moralidade estavam os quatro princípios fundamentais que orientavam a paideia: a. a inteligência; b. a fortaleza; c. a circunspeção; d. a justiça .

## **2. Religião e espiritualidade**

O cristianismo primitivo, para além das fronteiras da Palestina, faz uma passagem num caminho de superação da religião para a construção de uma espiritualidade. Todos os conceitos de religião estão vinculados à manifestação externa, atos de culto, ritos e outras formas visíveis de expressão religiosa. A própria definição

etimológica latina “religio” pressupõe uma compreensão de ato de culto a alguma divindade, ligação entre duas partes ou conexão entre imanência e Transcendência. O fundamento da religião está no ritual, no cerimonial e visível. O ato externo pode ser um memorial, uma recordação de um fato no passado, a fim de que algo importante não caia no esquecimento, como é a ordem que Moisés transmite ao povo, na celebração da páscoa dos pães ázimos (Ex 13,9). Numa perspectiva semelhante, mas não como recordação do passado, e sim, revivificação da aliança no presente, Jesus pede que a Eucaristia seja celebrada, segundo os seus ensinamentos, como uma atualização do pacto, como sempre e perene Nova Aliança (Lc 22,14-20).

É no campo semântico da religião que se faz imperativo olhar o Evangelho de Jesus Cristo. A prática religiosa de Jesus não remete a rituais. Quer nos tempos pré-pascais, quer nos pós-pascais, o gesto que identifica Jesus é a partilha do pão (cf. Lc 22,19; 24,30) que simboliza a partilha da vida, dos conhecimentos, das capacidades, oportunidades, condições e potencialidades. A vida concreta nos campos, à beira do Lago de Genesaré, pelas ruas das cidades, praças e outros ambientes caracteriza a espiritualidade da nova religião: conectar o desconectado pelas estruturas da antiga religião. A preocupação concreta com a vida era prioritária e antecedia qualquer aspecto litúrgico ou religioso. As informações sobre sua frequência à sinagoga são parcas e modestas, mesmo que possamos pressupor sua assiduidade. No entanto, em todo o quadro religioso, a tradição evangélica nos conserva um único ensinamento, que é a oração do Pai Nosso (Mt 6,9-15; Lc 11,2-4). Então surge a pergunta: por que Jesus não criou um manual litúrgico? Qual era a importância dos ritos para Ele? Se o cerimonial fosse expressamente imprescindível, não teria Jesus criado um manual, um ritual celebrativo e uma descrição precisa dos aparatos e instrumentos necessários para validar os rituais, tais quais ou à semelhança dos encontrados na tradição judaica de seu tempo (cf. Ex 12; 25-30; Lv 21-27)? Jesus não abriu mão da prática da Justiça (Mt 5,20); da solidariedade

libertadora (Mc 10,45); da busca do que se perdeu (Lc 15) e da partilha radical como expressão da comunhão e fraternidade (Jo 6,5-15; 13,15). Ironizou o comportamento do sacerdote e do levita, os quais, cheios de zelo litúrgico e religioso, se tornam incapazes do socorro e da compaixão, enquanto um samaritano, que pouco entendia de liturgia e cerimoniais, foi capaz de prestar ajuda a um homem machucado por assaltantes (Lc 10,29-37).

### **3. O comportamento de Jesus**

Jesus de Nazaré compreende que o ser humano não necessita tanto da religião, mas da espiritualidade. Na religião estavam, já antes de Jesus, especialmente desde o retorno dos filhos dos exilados da Babilônia, com Esdras, Josué e Zorobabel, no V séc. a.C., elementos radicais de segregação e exclusão (Esd 9-10). Como afirmação do poder religioso, mas carente de espiritualidade, foram sendo prescritas em estilo dogmático as descrições dos rituais e das vestimentas dos sacerdotes (Ex 25-30). O processo difícil de ser implantado era a superação desses parâmetros que funcionavam como fatores de diferenciação entre eleitos e deserdados. Na verdade, o próprio relato da primogenitura de Jacó (Gn 25,29-34), que se vê em vantagem diante do irmão faminto, sob a ótica da ética, é conflitivo. Assim também toda a história do Êxodo bíblico pode gerar muitas dificuldades éticas e de difícil solução antropológica e política, quando se observa que os textos expressam um processo muito importante de libertação dos escravos do Egito, mas eles receberão um herança de uma terra que já tem donos (os cananeus, heteus, heveus, jebuseus... Ex 3,8). Essa leitura histórica está patente na pedagogia e na antropologia de Jesus. Ele não se apega ao que encontra, mas olhando para um horizonte mais distante e integrador, quebra estruturas conservadoras e geradoras de exclusões e diferenças.

A questão fundamental do ser humano não é compreender a sua religião, mas a sua espiritualidade (Capra, 1991, 12). A espiritualidade caracteriza a intimidade do ser humano com

Deus e lhe permite encontrar uma comunhão diferente com o seu semelhante e com toda a natureza. Nenhuma religião é verdadeira sem uma verdadeira espiritualidade. A espiritualidade está no santuário do ser, mesmo sem uma fórmula explícita de religião. O diálogo com a Samaritana é explícito: “Nem aqui, nem em Jerusalém, mas em Espírito e Verdade” (Jo 4,21). O apóstolo Paulo afirma que a Lei do Espírito é vida (Rm 8,2) e ela impulsiona para a paz (Rm 8,6), pois só o amor constrói (1Cor 8,1) (Mazzarolo, 2006, 96). O que vem do Espírito vem do alto e conduz tudo para cima, por isso, aquele que é espiritual constrói a sua felicidade na justiça e na paz com o seu próximo e com Deus (Jo 3,30-32). É nessa perspectiva que alguém pode chamar a Deus de Abba, Pai (Rm 8,15). E quem encontra o Pai, também encontra o seu irmão, pois encontra o caminho do amor e pratica os seus mandamentos (1Jo 2,5).

#### **4.O DNA de cada criatura**

A espiritualidade é o DNA de Deus em cada criatura, já descoberta e apontada por muitos místicos, cientistas e teólogos, mas de modo mais profético pelo santo do milênio passado, São Francisco de Assis. Ao contemplar a natureza, a água, os rios, as plantas e animais, ele era capaz de chamar irmão sol, irmã lua, irmã água... Para muitos contemporâneos, Francisco de Assis ele não passava de um louco, no entanto, foram os tempos após sua morte que revelaram o seu olhar para além de uma paranoia, era a dimensão mística contemplativa, ou seja, uma expressão superior da alma transparente e diáfana na visão do universo como um todo (Collins, 2007,35). Para os cientistas e físicos da nanotecnologia e FQ, Francisco de Assis já estava numa dimensão mais profunda da compreensão da natureza. Ele contemplava o mistério do cosmos, ele se comunicava com o todo quântico do universo e percebia o DNA de Deus inscrito em cada ser, em cada forma e em todas as criaturas. Deus era tudo em todos, quer no irmão leproso, quer na irmã água, irmão fogo, irmã lua, irmão sol e todas as outras criaturas. Nessa perspectiva, a FQ postula

que o ser humano tem os “pés” na terra e a mente no infinito e no sobrenatural (Goswami, 2007,124).

A espiritualidade é o que nos caracteriza como filhos/as de Deus, para além das religiões. O livro do Apocalipse mostra que todos aqueles que praticaram a justiça estão vinculados à pedagogia do Cordeiro e entrarão no Reino de Deus (cf. Ap 7,1-14). Ainda no prólogo, o evangelho de João nos apresenta uma afirmação taxativa: “A todo aquele que crê n’Ele, deu-lhes o poder de se tornar filho de Deus” (Jo,1,12). A pergunta é: “Somos filhos de Deus pelo nascimento ou pelo reconhecimento das verdades anunciadas por Deus e explicitadas em seu Filho Jesus Cristo sintetizadas no perdão, no amor e na justiça” (Mt 5,20)?

A espiritualidade é o “gene de Deus” presente em cada criatura, quer ele tenha ou não uma religião. A religião é o “meme”, que se transmite de geração em geração, através da família, da educação e dos conhecimentos (Hamer, 2005, 72). A religião tem mais cultura que espiritualidade, tem mais de expressão humana, visual e concreta que elementos transcendentais.

## **5. A espiritualidade como o DNA divino em nós**

O “gene” (DNA) de Deus numa criatura está na sua espiritualidade, na sua transcendência e na sua comunhão universal com o cosmos, com Deus e consigo (Souzanele, 1995, 35). A espiritualidade permite uma visão das coisas muito mais aberta e mais ampla do que a religião. Ela é imanência e transcendência concomitantemente interligadas e, a partir dessa integração do “alto” e do “baixo”, o ser humano adquire sua visão política, ética e sociológica da vida à luz da mística cósmica que move os profetas, os santos e os mártires.

A espiritualidade é a força do amor, e quem ama está livre para fazer o que quer, pois sempre fará para o bem. Quem ama não trai, não explora, não engana e não suborna. Dessa forma e nessa visão do amor que Sto. Agostinho teria pronunciado uma sentença



cabal: “Ama e faze o que queres”! O nó da questão é o amor, mas o amor pressupõe o perdão e o compromisso solidário. Mas qual é a medida do amor? Jesus diz que a medida suficiente seria amar do jeito que ele amou, esse seria o Novo e Único Mandamento (Jo 13,34-35; 1Jo 2,8). Até que ponto o amor é verdadeiro? Paulo afirma que o amor é não-hipócrito (Rm 12,9) e que a melhor oferta para Deus é aquela feita com o próprio ser (corpo). Só entende o amor quem ama com todo o coração, com toda a alma e com todo o entendimento (Mt 22,37; Dt 6,5; 30,10). Na verdade, só o amor constrói (1Cor 8,1).

## **6. O amor includente de Jesus e a autopoésis da rede**

Jesus, na sua pedagogia do amor includente, amor preferencial aos excluídos, sem contudo negar o amor aos nobres e ricos, como aconteceu no jantar na casa de Simão, o fariseu (Lc 7,36-50), Zaqueu (Lc 19,1-10) e outros. Jesus tinha, ao fariseu, o mesmo amor que à mulher marginalizada pela cultura, pela sociedade perversa e pelo contexto sociopolítico de seu tempo. O amor, fruto da grande comunhão cósmica, busca uma grande utopia: o paraíso terrestre. Deus quis que todas as criaturas tivessem um espaço agradável para viver, essa comunhão cósmica, sem guerras e sem conflitos e por isso dotou os humanos com alma e inteligência, capacidades e distinções, a fim de que, ocupando espaços e lugares diferentes, cada um ocupasse só o próprio espaço e função sem invadir o do outro (cf. Is 11,1-9; 1Cor 12,4-30; Rm 12,6-8).

A espiritualidade não é a ausência da religião, como rito ou como símbolo celebrativo, mas é o “animus”, a vida e a força da religião. A força motora nem sempre aparece, mas o que se vê é o resultado. A espiritualidade permanece no âmago do ser, na sua interioridade, mas ela acontece nos gestos e atitudes. Assim é o “agápê” como força geradora de graça, diaconia e verdade. A razão profunda do amor permanece escondida, mas os gestos que resultam dessa “dynamis” é que são percebidos e verificados.

Através da espiritualidade, distingue-se uma religião verdadeira de uma falsa. A pessoa que desenvolve a sua espiritualidade, também aprofunda e desenvolve a sua fé, a sua compreensão do cosmos, a sua dimensão existencial, segundo o olhar de Deus: bem-estar, felicidade, justiça, equidade, perdão.

A religião, muitas vezes, permite camuflagens, subterfúgios, engodos ou escamoteios. Uma pessoa pode ter uma religião sem ter uma espiritualidade. A religião pode ser uma questão de conveniências, de aparência social, de segurança ou de “credenciais” populares para determinados fins, até contra a própria religião. Algumas organizações sociais, econômicas e políticas exigem que seus participantes tenham uma religião declarada, mas o objetivo dessas não é a espiritualidade, e sim, a prosperidade econômica, o gueto fechado e, o deus a ser cultuado é o lucro, a vitória econômica e o sucesso. Para esses objetivos, não precisa ética, justiça, dignidade. Se alguém está obstaculizando um determinado projeto, esse pode desaparecer e ser eliminado em nome do progresso, da prosperidade. Essa teologia da prosperidade já existia nas sociedades antigas persas, egípcias e em Israel.

A espiritualidade está na raiz da identidade do ser, é o DNA de Deus presente em cada criatura, mas nem sempre é desenvolvido em virtude do pecado, da injustiça e da ganância. A espiritualidade é o eixo motor da dinâmica do agir do ser, a exemplo de Jesus (Lc 4,18-19; Is 61,1-2), quando afirma que o Espírito do Senhor está sobre mim! Não é o templo, não é o sumo sacerdote, nem o rei, mas o espírito do Senhor. Ele está acima da religião, dos parâmetros culturais e institucionais.

A espiritualidade se caracteriza pela prática da justiça (Mt 5,20) e está além de qualquer convenção, conectada na dinâmica da integração do ser na rede universal dos seres que não se caracterizam por cores, credos e culturas, mas se entendem numa busca universal da justiça, da paz e da prosperidade integral, sem discriminações, segregações e classes.

## 7. Ter espiritualidade é crer

Na pedagogia de Jesus, a fé, como o ato de crer, não está pautada na crença de dogmas, jejuns, oferendas de animais cevados, mas no compromisso fundamental com a verdade, com a vida e com a justiça (Jo 1,9-14). No diálogo com um dos magistrados de Jerusalém, chamado Nicodemos, Jesus afirmou que se ele não nascesse de novo e do alto não poderia ver o Reino de Deus (Jo 3,3). O ato de crer é o ato da fé que é fruto da espiritualidade, não da religião. Esse ato pode ser expresso de modo autêntico, na religião, mas para ser verdadeiro, ele precisa estar alicerçado numa base mais profunda que é a espiritualidade. Na FQ a capacidade de restauração e renovação do corpo neural se chama de autopoiesis (Goswami, 2003, 46).

Infelizmente, mesmo depois de tantos séculos, muitos líderes religiosos e um incontável número de pessoas, mesmo com grande bagagem teológica, não distinguem a condição de ser religioso de ter uma prática religiosa. Frequentar uma comunidade ou ser participante de uma forma externa de ritos, símbolos e lugares chamados sagrados não é idêntico ao ser religioso. Ser religioso é ter uma espiritualidade, uma prática religiosa e uma religião como manifestação dessa espiritualidade, mas jamais uma participação em ritos convencionais, vantajosos e oportunistas. Enquanto a religiosidade depende do meio, a espiritualidade depende do ser, ela está nos genes da pessoa. Colocamos uma tabela comparativa como tentativa de ilustração, sem a menor intenção de ser dogmática ou conclusiva :

<b>A Espiritualidade</b>	<b>A Religião</b>
Spiritus/animus/sopro	Rito, gesto, expressão
É a dynamis (força) que provoca a ação	A manifestação resultante de uma convicção ou de uma “convencionalidade”
Está dentro da pessoa	Está fora da pessoa
É a energia da fé, a motivação em movimento	É o vigor e a certeza do dogma
Está no gene, íntimo	Está no ambiente, família
É inata, vem de Deus	Nasce da cultura, da família, da tradição, depende de trajés, símbolos, códigos
Não pode ser traída	Pode ser ideologizada, distorcida, manipulada
Só existe quando é verdadeira	Pode existir sem ser autêntica
Habita o coração, perpassa a inteligência e a razão	Habita num recinto material, no santuário, no templo
Existe ou não existe	Pode existir de fantasia, de modo hipócrita e camuflado
É a força da fé	É a força da lei
Depende da presença e assistência do Espírito	Depende de estruturas e leis objetivas e humanas
Tem dois altares: um interno (Mt 6,5-6) e outro o mundo (Mt 18,19-20)	Tem, via de regra, um único templo, feito de pedras
Desabrocha no amor	Pode gerar o amor ou também o ódio e a violência

Conhecendo bem essa tensão que brota das religiões, Jesus ensinou a prática do amor incondicional (Lc 6,27-35) como caminho de superação. As religiões criam apropriações e se afastam, não raro, do seu princípio fundamental, que é ligar a terra ao céu: “Pai, venha o teu reino, faça-se a tua vontade, e assim como é no céu, seja sobre a terra...” (Mt 6,9-13; Lc 11,2-4).

Quando se discute religião, começa-se a classificar quem vai para o paraíso ou quem vai para o inferno e corre-se o risco de esquecer ou não encontrar o caminho da justiça e da misericórdia, única via para o Pai. Não raro, a pobreza ou a ausência da espiritualidade torna as religiões ideologias de dominação e opressão. Qual é o Deus que salva, aquele de Maomé, de Buda, de Moisés? As religiões podem “fazer a cabeça” das pessoas e as estimula a fazer guerra umas contra as outras. Quando discursamos sobre religião estamos separando os líderes e os seus seguidores. Essa separação está no nível da religião e não da espiritualidade.

## **8. Os alicerces das religiões**

As religiões, enquanto exteriorização dos sentimentos internos ou das conveniências dos seus participantes, podem ser manifestação de espiritualidade e de verdadeira fé. Para tanto, há um imperativo:

que haja coerência entre a expressão externa, representada no ato de culto e as razões interiores que brotam do mais profundo do ser. No entanto, a falsidade dos ritos religiosos já era condenada oito séculos antes de Cristo, pelos profetas Amós (5,14-21), Isaías (1,10-20) e Jeremias (14,10-16). Jesus condena a hipocrisia dos escribas e fariseus, os grupos mais religiosos de seu tempo, que tinham um rigor exemplar na aplicação das fórmulas rituais, mas eram os mais traidores do povo e os devoradores da justiça (Mt 23,13-32).

No que concerne a essa coerência, Jesus exige que haja uma sintonia entre a palavra, o ato e a vida no quotidiano para que haja dignidade e aceitação no ato de culto. Por isso, ao celebrar a última Ceia, em caráter de Testamento ou Aliança com os seus discípulos, não aceitou que o traidor, Judas, ficasse ileso, mas pediu-lhe que se afastasse do grupo, em virtude de não ter condição de celebrar o pacto em seu memorial, visto que, mesmo estando com eles, não era um deles (cf. Jo 13,30). Paulo segue as mesmas coordenadas ao falar da Eucaristia aos Coríntios e acentua o perigo da contradição. Quando alguém vive a injustiça e a desonestidade deixa de ter condições de celebrar o memorial do Senhor. Não se trata apenas de algo ruim, mas do paradoxo radical que impele à morte espiritual de quem bajula ou tripudia a confiança da comunidade e acaba enganando a si mesmo (1Cor 11,17-34). Uma religião só é autêntica se for construída na verdade, na paz, na solidariedade e se tiver um compromisso concreto na construção da justiça (cf. Mt 5,2-12).

A parênese de Jesus aos escribas e fariseus, os mais religiosos e rigoristas quanto aos ritos litúrgicos, é clara e explícita: “Se a vossa justiça não superar a dos escribas e fariseus não entrareis no Reino dos Céus” (Mt 5,20). E “nem todo aquele que diz Senhor, Senhor entrará no Reino dos Céus, mas somente aquele que faz a vontade do meu Pai que está nos céus” (Mt 7,21). Dessa forma podemos crer que a espiritualidade é o alicerce da verdadeira religião.

## 9. A espiritualidade e as religiões

A espiritualidade está na base, no fundamento e no alicerce das religiões. É como a raiz na relação com o tronco e os ramos (Jo 15,1-17). Quando falta a espiritualidade é como se o tronco estivesse alicerçado em outra raiz. De modo análogo é a idolatria, a hipocrisia religiosa ou a falsidade da religião. “Ninguém pode servir a dois senhores, ou amar um e odiar o outro, ou amar o outro e odiar o primeiro. Não podeis servir a Deus e ao dinheiro” (Mt 6,24). Nas religiões, o fundamento é o rito, é ele que vai distinguir um comportamento religioso autêntico ou não. Nas religiões, as formas de ritos, gestos, palavras e ações podem ser a expressão da espiritualidade como um grande “poço” de vida, de fonte de água viva (Jo 4,13-14), mas não pode faltar a consciência de que o rito não é a fonte. As práticas dos ritos podem camuflar pecados sociais muito graves como a ambição, a tirania, a prepotência e a ruptura com a verdade e a justiça, conforme a execração de Jesus aos escribas e fariseus hipócritas (cf. Mt 23,13-36). Jesus não era contra os escribas, nem contra o zelo religioso dos fariseus, mas contra a falsidade do seu comportamento, a hipocrisia entre rito e justiça social (cf. Is 1,10-20). Assim também quando ele expulsa os vendilhões do templo, não está contra o templo, mas a favor da coerência entre o profano e o ato de culto (Mc 11,15-19).

A espiritualidade se apresenta despida de rótulos, não precisa de etiquetagens, não se alicerça em ritos. Ela é a sabedoria da ação fundada no amor ao próximo, do jeito que Jesus ensinou (Lc 10,29-37) e não do jeito rabínico veterotestamentário (Lv 19,18; cf. Mt 5,43: “Ouvistes o que foi dito aos antigos – Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo”).

Na verdade, a espiritualidade se expressa no amor incondicional, aos que nos amam e aos que também não nos amam – o amor não tem limites de laços de sangue, de circunvizinhança social ou de amizade, mas extensivo e inclusivo mesmo aos inimigos

(Lc 6,27-35). A espiritualidade jamais é opressora ou detentora das verdades eternas, por isso, relativiza tudo, exceto o amor, enquanto a preocupação da religião é com o formalismo e com a ortopraxis (prática correta) mais do que com a dinâmica agápica da vida. Na religião se situa a autoridade, que não raro, se confunde com a verdade e a salvação (Mt 23,1-12). A autoridade pode exercer forças de intolerância externa, na direção das outras religiões e ritos e, de igual forma, na direção interna, quando acontecem perseguições e castigos a fim de salvaguardar a autoridade e a hegemonia do poder. Na história das religiões, aparecem muitas pessoas que foram castigadas e até sentenciadas dentro de suas religiões por discordarem da autoridade constituída ou por validarem e aceitarem como válidas práticas rituais não legitimadas pelas mesmas.

Quanto menor for o nível de profundidade espiritual, tanto maior será a força da autoridade religiosa, pois a segurança estará na uniformidade dos aspectos externos, mais que na unidade dos seus fundamentos e razões:

“Mestre, vimos alguém expulsar demônios em teu nome, mas o proibimos porque não anda conosco” (Mc 10,38).

No entendimento dos discípulos, esse homem deveria primeiro obedecer-lhes e só depois poderia fazer aquilo que eles estavam autorizados a fazer. Jesus, no entanto, adverte-os para que não obstruam os caminhos daqueles que agem para o bem, mesmo não estando encaixados no mesmo rito religioso. Os que não andam conosco, muitas vezes, fazem melhor do que nós.

Conhecendo ou não essa especificidade da espiritualidade como identificadora do ser e de sua fé, força formadora de comportamento e costumes, os que querem “des-identificar” o ser humano não combatem a religião, o rito ou as práticas externas. Eles são ardilosos e perversos, por isso usam o caminho da desestruturação da espiritualidade, do fundamento da transcendência no indivíduo.

O ponto de partida para a desestabilização da espiritualidade é o endeusamento do ser, o qual está investido de superpoderes e não precisa mais da divindade, pois ele próprio é igual a Deus, persuadindo a pessoa à opção do orgulho, da autosuficiência e dos poderes absolutos: “Deus sabe que no dia em que comerdes desse fruto, vossos olhos se abrirão e sereis como deuses, versados no bem e no mal” (Gn 3,5). Esse é o conselho da Serpente aos inquilinos do paraíso terrestre e o resultado é catastrófico. O endeusamento do ser, até certo ponto, sustentado pela FQ, remete a uma autonomia sem limites e cada um se sente capaz de tudo, de tal forma que o “outro” possa ser dispensado (Capra, 1991,66). Esse é o trabalho satânico de muitas organizações transnacionais movidas pela diaconia a sataná (Mt 6,24), cujo deus é o ter, o poder e o prazer, desconhecendo limites para a injustiça, o sofrimento alheio e a morte. Essas organizações, para obter seus lucros e construir seus projetos, necessitam fragmentar a sociedade e de modo mais cruel, a família, convencendo o indivíduo que aquilo que ele aprendeu como valor, agora não tem mais sentido. A ética social, a família, o respeito, a solidariedade não valem mais, isso é coisa do passado. Agora o que conta é aquilo que a pessoa ganha, lucra e acumula. Ele precisa ser autônomo e tudo o que pertence à instituição social, familiar ou política deve estar debaixo do seu juízo e ele só vai fazer se tiver vantagem. Os donos dos grandes Meios de Comunicação Social e outras organizações, com perfil estritamente econômico, trabalham no combate à espiritualidade que identifica o ser com Deus, com o bem, com a justiça, com a ecologia e para tanto, usam a linguagem da Serpente e pregam o endeusamento do ser a fim de nada o detenha em seus intentos de lucro, poder e ambição (Gn 3,5). O ser humano de hoje, repete os mesmos passos tipificados pelos autores bíblicos, vivendo por si e para si. Nada do que é coletivo ou comunitário é importante, pois ele está acima da comunidade, acima do Bem e do Mal social. Sua força de persuasão é tão forte e sedutora que, através de telejornais, telenovelas ou propagandas de bens de consumo conseguem transformar um santo em demônio e um demônio em vítima, como já denunciava o profeta Isaías (Is 5,20).



Nessa dinâmica, a espiritualidade é irmã gêmea da humildade, da diaconia e da fidelidade até o fim e até às últimas consequências. O combate mais duro dos filhos das trevas contra os filhos da luz não se dá tanto na religião, mas de modo especial no nível da espiritualidade. Em lugar de combater, eles promovem, independizam, “libertam” a pessoa dos seus vínculos comunitários, solidários e familiares a fim de, como deuses, tornarem-se escravos de si e de quem lhes propôs a falsa libertação. A primeira sensação de independência lhes mostra logo a situação de escravidão.

Do ponto de vista teórico, isso parece não ser muito claro, mas, quando se toma a realidade, é fácil perceber: a irresponsabilidade da ruptura diante dos compromissos com a prole; a não culpabilidade pelo aborto, sentenciando inocentes à pena de morte, unilateralmente, sem direito à defesa; a imunidade parlamentar, cuja formação de cartéis e de quadrilhas de corruptos encontra amparo jurídico construído para a própria defesa. Trata-se, em última análise, de remover a consciência ética, a consciência social e política do ser humano, caminhando na linha contrária à pedagogia de Jesus: “Tudo o que quereis que os outros vos façam, fazei-o vós, antes, a eles, pois esta é a Lei e os Profetas” (Mt 7,12; cf. Tb 4,15). O endeusamento do ser é o caminho usado pelos que apostam no deus do dinheiro, do consumismo e da escravidão do ser. A lei da vantagem, dos lucros sempre maiores, de poderes supra-humanos e semidivinos.

## **10.A espiritualidade e o conceito de rede**

A espiritualidade desempenha um papel fundamental na formação da rede social, na consciência daquilo que é comum, coletivo e participa da vida de pessoas diferentes. As pessoas passam a considerar as outras como diferentes de si mesmas, elas são o “alter” (outro) com suas cargas neurais próprias, com suas manifestações religiosas que as distinguem e também as identificam com seu DNA, mas que, na espiritualidade, tornam

esse diferente esse outro igual. A espiritualidade é o verdadeiro lugar teológico, porque não parte do estudo das formas ou de arquétipos codificados do conhecimento, mas da experiência mística.

Ainda que os santuários sejam os lugares específicos para as celebrações, o ato religioso pode ser celebrado fora dos templos. A oração depende das pessoas, da sua situação espiritual e não do espaço físico. O importante é que qualquer indivíduo pode manifestar sua fé, oração e contemplação em qualquer lugar do universo, em contato com a natureza, com a vida, tal qual no interior de uma construção, em um templo sagrado. O espaço físico fixa e limita os atos de culto e a manifestação da religiosidade, mas não prende os limites da verdadeira espiritualidade (Mazzarolo, 2013, 85).

Na integração da Espiritualidade e Religiões entra em cena também a teologia. O teólogo não é aquele que faz apologeses, o religioso não é o que é fiel aos ritos codificados, o sociólogo não é o que domina os instrumentos de análise sociopolítica. O teólogo é aquele que faz a experiência de Deus, fala daquilo que contempla e raciocina (1Jo 1,1-4). O religioso é aquele que assume a vida como experiência solidária com o outro e no outro e faz do seu corpo um altar à Transcendência na experiência mística da vida (Rm 12,1).

A religião exige ritos, sacrifícios, santuários e espaços determinados para as reuniões da assembleia. Não raro, os organizadores de um cerimonial “engessam” os ritos, dogmatizam as fórmulas, tornam inflexíveis os gestos e palavras. A religiosidade dos escribas e fariseus, nos tempos de Jesus estava fechada, dogmatizada e parálitica (cf. Lv 21-25). Jesus nunca foi contra o Templo, tanto menos contra os ritos.

A religião está muito ligada à tradição familiar, ao ambiente cultural, mas pode evoluir e mudar. Quem nasce numa família

cristã tem grandes chances de ser um continuador das tradições familiares cristãs, assim como quem nasce numa família budista, terá maiores tendências a seguir o budismo, e assim por diante. Podemos dizer que a religião, ainda que ligada a uma fé interior, ela está mais no foro externo da pessoa. Por sua vez, a espiritualidade é uma questão de foro íntimo, ela marca o indivíduo e marca sua identidade e moralidade. Ainda que possua muitas formas interpretativas, o conceito de certo e errado que constrói a Lei Moral, é universal e está em todos os seres humanos. Na prática, as interpretações dos critérios e leis religiosas podem resultar em consequências brutalmente diferentes e a espiritualidade pode sofrer reveses. Ao longo da história das religiões ela foi infringida com frequência impressionante nas guerras das religiões (ou das ideologias religiosas).

No estudo da genética, os cientistas encontraram uma diferença entre o espaço da espiritualidade e da religiosidade. Para eles, a religião está ligada aos “memes”, cargas culturais e familiares passadas de uma geração à outra, podendo sofrer mutações. Os “memes” podem ser copiados de um cérebro para o outro, podem ser transmitidos pela imagem, pela linguagem e pelo conhecimento. Os “memes” são próprios dos seres humanos. Os “genes”, por sua vez, não podem ser copiados da mesma forma, evoluem lentamente (Hamer, 2005, 199). É a partir dessa ótica que ele se autoriza a negar a existência de Deus e afirmar que a religião é certa utopia.

A liturgia de Jesus era criativa, atualizada, encarnada no tempo e nos momentos da sua história. A liturgia era vida e vivida passo a passo no projeto do Pai, que todos se tornassem Um (Jo 17,11). Os gestos encontram sentido quando há uma espiritualidade que os ampara e sustenta, por isso, seus gestos eram oração, liturgia, celebração, de tal modo que, vendo-o assim, seus discípulos lhes pedem para que lhes ensine a rezar dessa forma (Lc 11,1).

## **Conclusão**

As religiões podem ser caminhos importantes para identificar grupos humanos e crenças, mas elas precisam estar alicerçadas na espiritualidade para evitar cair em manipulações ou transformar-se em ideologias de dominação, extremismos e autoritarismos.

A religião desconectada da espiritualidade é uma ideologia. As religiões não fazem um caminho linear ou ascendente na perspectiva constante de aperfeiçoamento, mas seu itinerário é de altos e baixos. No seu berço, normalmente, são propostas novas de atualização e reavivamento espiritual, mas, ao longo do seu caminho, não raro, esbarram em ideologias de dominação e conservadorismos autoritários. A espiritualidade é a capacidade constante da circunspecção que permite a revisão, a avaliação e adaptação aos tempos e momentos próprios para o testemunho de uma verdadeira conexão com o outro, com o cosmos e com Deus. A espiritualidade cria laços de comunhão com o Uno e com o Diferente, entendendo que todas as coisas pertencem à mesma realidade, quer imanente, quer transcendente. Somos Um no Todo.

## **Bibliografia**

CAPRA, F., *Pertencendo ao Universo: explorações nas fronteiras da ciência e da espiritualidade*, São Paulo, Cultrix, 1991.

COLLINS, F.S., *A linguagem de Deus, Um cientista apresenta evidências de que Ele existe*. São Paulo, Ed. Gente, 2007.

GOSWAMI, A., *O universo autoconsciente: como a consciência cria o mundo material*, São Paulo, Aleph, 2007.

---- *A janela visionária, um guia para a iluminação por um físico quântico*, São Paulo, Cultrix, 2003.

HAMER, Dean, *O Gene de Deus como herança genética pode determinar a fé*, São Paulo, Mercury, 2005.

MAZZAROLO, Isidoro, Jesus e a física quântica, Rio de Janeiro, Mazzarolo editor, 22013.

---- Carta de Paulo aos Romanos, educar para a maturidade e a justiça, Rio de Janeiro, Mazzarolo editor, 2006.

---- O Apocalipse, esoterismo, profecia ou resistência, Rio de Janeiro, Mazzarolo editor, 32010.

SOUZANELLE, A., O simbolismo do corpo humano: da árvore da vida ao esquema corporal, São Paulo, Pensamento, 1995.